

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

BACHAREL EM TEOLOGIA

SIMONE ALVES DE MELO SOARES

AS MULHERES E O MINISTÉRIO PASTORAL NAS IGREJAS FILIADAS À  
CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

VITÓRIA-ES  
2022

SIMONE ALVES DE MELO SOARES

AS MULHERES E O MINISTÉRIO PASTORAL NAS IGREJAS FILIADAS À  
CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de  
Artigo como requisito parcial para obtenção do  
grau de Bacharel em Teologia. Faculdade  
Unida de Vitória.

Orientador: Valdir Stephanini

VITÓRIA/ES  
2022

SIMONE ALVES DE MELO SOARES

AS MULHERES E O MINISTÉRIO PASTORAL NAS IGREJAS FILIADAS À  
CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de  
Artigo como requisito parcial para obtenção do  
grau de Bacharel em Teologia. Faculdade  
Unida de Vitória.

Data: 12 nov. 2022

Dr. Valdir Stephanini, orientador

Dra. Claudete Beise Ulrich

# AS MULHERES E O MINISTÉRIO PASTORAL NAS IGREJAS FILIADAS À CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

*Simone Alves de Melo Soares<sup>1</sup>*

Resumo: O ministério pastoral feminino nas igrejas filiadas à Convenção Batista Brasileira (CBB) passa por restrições em algumas seções estaduais da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil (OPBB), que decidiram rejeitar a filiação das pastoras. A pergunta-problema deste artigo é: quais as razões que impedem que as mulheres ordenadas pelas igrejas batistas filiadas à CBB sejam recebidas na OPBB? A hipótese é que prevalece uma mentalidade patriarcal, misógina e acrítica na liderança dessas instituições. A *práxis* de Jesus era convidativa a todas as pessoas, inclusive para as mulheres. Contrariando essa postura jesuânica, prevalece a exclusividade masculina no ministério pastoral. O artigo analisa a presença das mulheres na história dos batistas brasileiros e no tempo presente, identificando possíveis caminhos para a inclusão das pastoras na OPBB. A partir de uma pesquisa bibliográfica, foi possível identificar o respaldo bíblico para a ordenação de mulheres para o ministério pastoral e o pleno reconhecimento da sua atuação. A conclusão aponta para a necessária inclusão das pastoras batistas na OPBB ou a criação de uma OPBB feminina, como alternativa para se ter o necessário apoio ministerial.

Palavras-chave: Igreja Batista. Ministério Pastoral Feminino. Ordenação.

## INTRODUÇÃO

Este artigo discorre sobre o ministério pastoral feminino em igrejas filiadas à Convenção Batista Brasileira (CBB). A pesquisa bibliográfica fornecerá o subsídio para analisar como a liderança das mulheres é percebida em relação à imposição de mãos para o exercício do ministério pastoral nas igrejas locais. O percurso da pesquisa identifica as mudanças que ocorreram desde que a primeira mulher foi ordenada para exercer o ministério pastoral em uma igreja filiada à CBB e aponta os possíveis caminhos para a superação dos obstáculos relacionados à filiação de pastoras na Ordem dos Pastores Batistas do Brasil (OPBB).

Os debates sobre a legitimidade da presença da mulher no exercício do ministério pastoral em igrejas filiadas à CBB vêm acontecendo desde a segunda metade do século passado. Em 1996, a CBB entendeu e decidiu que seria responsabilidade das igrejas locais organizar concílios para a ordenação ou não de mulheres para o exercício do ministério.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Bacharelado em Teologia, Faculdade Unida de Vitória.

<sup>2</sup> STEPHANINNI, Valdir. Mulheres no ministério pastoral batista. *Revista Reflexus*, Vitória, a. XII, n. 19, p. 103-121, 2018. p. 105.

Em sua Assembleia Anual de 2014, que aconteceu na cidade de João Pessoa-PB, a OPBB entregou para as seções estaduais a decisão de receber ou não mulheres em seu rol de membros. A partir de então, 24 seções estaduais optaram pela rejeição de pastoras e apenas 9 seções decidiram filia-las.<sup>3</sup>

A questão-problema desta pesquisa é: quais as razões que impedem as mulheres ordenadas pelas igrejas batistas filiadas à CBB de serem filiadas à OPBB? A pesquisa se justifica pelo fato de que desde o surgimento das primeiras comunidades cristãs, as mulheres foram vítimas de diferenciação em relação aos homens, evidenciando preconceito, discriminação e desrespeito, ao desconsiderar o ensino inclusivo das mulheres no Novo Testamento.

O objetivo é demonstrar que a práxis de Jesus era convidativa ao seguimento e discipulado de todos e todas – incluindo mulheres e crianças – para viver uma vida libertadora da opressão da sociedade ou de relacionamentos dominadores. Jesus evidenciou a importância das mulheres em seu ministério, tendo elas um relacionamento contínuo no seguimento de Jesus, servindo-o, sem impedimento (Lucas 8:1-3). Os objetivos específicos são: estudar as razões que levam à discriminação que mulheres vocacionadas ao ministério pastoral sofrem nas igrejas filiadas à CBB e, especialmente, junto à algumas seções da OPBB; evidenciar que Deus chama, soberanamente, homens e mulheres para o serviço cristão e exercício da liderança, inclusive no ministério pastoral, concedendo-lhes dons para tal função.

A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica sobre o pastorado feminino, tendo como foco a obra de Zaqueu Oliveira, *Imposição de Mãos... Mulheres Pastoras?*, o artigo de Valdir Stephanini, *Mulheres no ministério pastoral batista* e as contribuições da pastora Zenilda Cintra. As fontes indicam como as mulheres são silenciadas e discriminadas por razão de sua vocação ministerial.

O artigo está distribuído em três seções, cada uma contendo duas subdivisões. A primeira apresenta uma rápida abordagem das narrativas sobre a liderança feminina na história das igrejas filiadas à CBB; a segunda procura mostrar a realidade atual das mulheres vocacionadas ao ministério pastoral em igrejas filiadas à CBB e OPBB; e, por fim, a terceira trata de possíveis caminhos para as pastoras batistas na superação do preconceito e da discriminação.

---

<sup>3</sup> NOGUEIRA, Silvia. *Notas sobre a presença das pastoras e vocacionadas nas igrejas Batistas da CBB*. In: CALAMÉO [site institucional]. Rio de Janeiro, jun. 2021. [online].

# 1 A PRESENÇA DA MULHER NA HISTÓRIA DAS IGREJAS FILIADAS À CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

A presente seção procura identificar a presença das mulheres nas igrejas filiadas à CBB, dividindo-se em duas partes: primeiramente, concentra-se na presença das mulheres na história dos batistas brasileiros, desde o início da implantação do movimento batista no país; posteriormente, estuda como se deu a participação das mulheres no exercício da liderança de outros projetos missionários implementados pelos batistas no Brasil, visando a expansão da denominação em solo brasileiro.

## 1.1 Aspectos relevantes sobre a presença das mulheres no início da história dos batistas brasileiros

Os batistas chegaram ao Brasil no final do século XIX, provenientes da América do Norte. O grupo de pioneiros organizou a Primeira Igreja Batista de Santa Barbara, estado de São Paulo, no dia 10 de setembro de 1871. Esta foi a primeira igreja batista plantada em solo brasileiro, visando atender as demandas dos colonos americanos situados na região. Na ocasião, os cultos eram realizados em língua inglesa, porque se destinavam apenas aos imigrantes norte-americanos, embora o grupo tivesse “o ideal missionário, pois via que o Brasil significava um promissor campo de missões”<sup>4</sup>. Com a possibilidade de expandir a evangelização entre os brasileiros, esses batistas escreveram cartas para a Convenção Batista do Sul dos EUA, mas só foram atendidos a partir do pedido de Alexander Travis Hawthorne, ex-general das forças sulistas, que passara um tempo no Brasil, e ficou entusiasmado com hospitalidade dos brasileiros: “seu prazer pelo país despertou o desejo de fazer alguma coisa pelo império que fora tão generoso para com seus compatriotas, e houve o interesse de enviar missionários ao Brasil”<sup>5</sup>.

Apesar do anonimato e do esquecimento da participação das mulheres na história do protestantismo e dos batistas no Brasil, uma jovem mulher, Anne Luther, destacou-se pelo desejo de evangelizar esta nação. Contudo, como constata Rute Almeida, “a história da mulher é caracterizada pelo patriarcalismo que, endossado pela religião cristã [...] exigia que as mulheres ficassem caladas”<sup>6</sup>. Apesar disso, elas cumpriram a ordem de Jesus: “[...] ide por

---

<sup>4</sup> GONÇALVES, Cassius. *História dos batistas no Espírito Santo*. Vitória: Batistas, 2012. p. 38.

<sup>5</sup> GONÇALVES, 2012, p. 38.

<sup>6</sup> ALMEIDA, Rute S. *Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: a religiosidade, o papel feminino*. As Denominações e suas Pioneiras. Viçosa: Ultimato, 2022. p. 15

todo mundo e pregai o evangelho a toda a criatura” (Mc 16.15), mesmo sob a liderança masculina.

A estadunidense Anne Luther, “era filha do pastor e professor John Hill Luther e de Anne Luther”<sup>7</sup> que, mesmo jovem, compreendera o chamado missionário em sua vida. O ex-general Hawthorne, logo que soube da sua vocação, “propôs o desafio de ser pioneira no Brasil”<sup>8</sup>. “Ela prontamente aceitou o convite, mas lhe disse que ele precisaria convencer Willian”<sup>9</sup>, seu noivo, porque “[...] afinal, ele não iria se entregar à obra missionária só para agradar a noiva. E a noiva, no que lhe concerne, não iria deixar o ideal missionário só para agradar o noivo”<sup>10</sup>.

Após a decisão de aceitar o convite, o casal viajou “em um vagaroso navio veleiro que os dois, logo após o casamento, fizeram sua viagem de núpcias em demanda desta terra desconhecida”<sup>11</sup>. E até a adaptação no Brasil, eles permaneceram na região de Santa Bárbara do Oeste. Mais tarde, o casal Anne Luther e Willian Bagby, e o casal de missionários que havia chegado ao Brasil, Zacarias Taylor e sua esposa Kate, “decidiram sobre o local mais adequado para iniciarem seu trabalho. Escolheram a cidade de Salvador e para lá partiram juntamente com o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque”<sup>12</sup>, onde organizaram a Primeira Igreja Batista da Bahia, no dia 15 de outubro de 1882. Gonçalves relatou: “eram agora cinco que se reuniam para estudar e sonhar com a obra batista entre os brasileiros”<sup>13</sup>. E a missionária “Anne estava pronta a fazer qualquer coisa, mas deixou claro em seu diário que seu dom natural e o desejo de seu coração era a evangelização. Ela estava ansiosa para dominar o português e poder evangelizar o povo brasileiro”<sup>14</sup>. Anne relata a ansiedade de logo começar o evangelismo na Bahia:

Agora estamos realmente prontos para iniciar o trabalho. Sr. Bagby já está pregando em português e o Sr, Taylor lê os sermões que ele mesmo prepara. Naturalmente d. Kate e eu estamos ansiosas para iniciar classes bíblicas com as senhoras e a visitação aos lares, além dos outros trabalhos da igreja. Meu coração como que dói pela ansiedade de começar o trabalho evangelístico, embora me esforçando, para fazer qualquer coisa, enquanto espero.<sup>15</sup>

---

<sup>7</sup> ALMEIDA, 2022, p. 108.

<sup>8</sup> ALMEIDA, 2022, p. 108.

<sup>9</sup> ALMEIDA, 2022, p. 108.

<sup>10</sup> GONÇALVES, 2012, p. 39.

<sup>11</sup> GONÇALVES, 2012, p. 39.

<sup>12</sup> ALMEIDA, 2022, p. 111.

<sup>13</sup> GONÇALVES, 2012, p. 40.

<sup>14</sup> ALMEIDA, 2022, p. 111.

<sup>15</sup> ALMEIDA, 2022, p. 112.

As mulheres demonstraram coragem e determinação, contribuindo para a propagação do evangelho de Cristo. Ainda que estivessem com saudades de suas famílias e terra natal, casadas ou solteiras, essas missionárias estavam determinadas para enfrentar perdas e separações. Assim o fizeram para educar e evangelizar as crianças brasileiras. Essa era a realidade das pioneiras estrangeiras no Brasil. Como bem pontuou Almeida, “os frutos de seus trabalhos abençoadores só serão conhecidos, em sua totalidade, no reino de Deus”<sup>16</sup>.

Assim como o casal pioneiro Anne e Willian, e o casal Zacarias e Kate, que foram vocacionados para a missão no Brasil, outro casal deixou marcas importantes. Dessa vez no Espírito Santo, que recebeu os missionários Loren e Alice. A participação de Alice Reno foi revolucionária para os batistas capixabas, embora a condição da mulher no início do século vinte no Brasil não fosse fácil. Espelhando a realidade nacional, a cultura local era extremamente machista e patriarcal. Alice testemunhou a realidade dura das mulheres que eram escravizadas e subjugadas por sua condição. Escravas, analfabetas e sem expectativa de melhora de vida. “Foram essas mulheres que Alice Reno encontrou na cidade de Vitória do início do século”. Alice registrou: “senti que tinha que fazer alguma coisa”<sup>17</sup>.

As mulheres continuam seguindo a *práxis* de Jesus, atendendo o chamado de Jesus para segui-lo e servi-lo. Nem mesmo o androcentrismo foi capaz de impedi-las de praticar a *diakonein*, ou seja, “serviço” de educar, evangelizar, musicalizar e “[...] pode se referir de forma mais abrangente ao cuidado com as pessoas, é o que o verbo no evangelho de Marcos 15.41 faz referência”<sup>18</sup>. Essas mulheres, batistas, estrangeiras, contribuíram com a contemporaneidade na história do protestantismo de missão no Brasil, mulheres “que deixaram marcas importantes no crescimento denominacional, bravas mulheres daqueles primeiros dias”<sup>19</sup>.

## 1.2 A participação das mulheres no avanço dos projetos missionários batistas no Brasil

O Brasil era uma terra fértil aos trabalhos missionários dos batistas norte-americanos no final do século dezenove e início do século vinte. Como mencionado, o casal Anne Luther e Willian Bagby foi pioneiro na missão de evangelização no país. Do Rio de Janeiro, foram explorando as terras brasileiras. Anne Bagby evangelizava as pessoas que trabalhavam com

---

<sup>16</sup> ALMEIDA, 2022, p. 121.

<sup>17</sup> GONÇALVES, 2012, p. 115.

<sup>18</sup> STEGEMANN, Ekkehard W: STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios no Judaísmo e as Comunidades de Cristo no mundo Mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004. p. 423.

<sup>19</sup> ALMEIDA, 2022, p. 114.

eles e “as primeiras pessoas a fazerem a profissão de fé foram mulheres”<sup>20</sup>. Em suas idas e vindas de um estado a outro, o trabalho pioneiro de evangelização não parava: “o grande desejo do coração de Anne tornou-se realidade com a fundação do Colégio Batista”<sup>21</sup>, em São Paulo, onde residiam na ocasião.

Compreende-se que o grande sonho da missionária era usar a educação para o evangelismo das crianças e de suas famílias, e parte desse sonho de Anne foi realizado: “o colégio continuou com seu objetivo de ganhar almas para Cristo”<sup>22</sup>. E o trabalho de Anne Bagby não parou nesse projeto. Após a entrega do colégio à Junta de Richmond, Anne assumiu mais um ministério, sendo este, o ensino de música e da Bíblia às senhoras da Lapa. Essa iniciativa cresceu com o casal Bagby, principalmente, pela dedicação fervorosa de Ana.

E em 28 de setembro de 1924, foi organizada a Igreja Batista da Lapa, sendo Willian Bagby seu primeiro Pastor, que informou sobre a preciosa ajuda da esposa naquele trabalho. [...] foi grandemente abençoado pelo Senhor, sendo que agora já não é uma simples sala de pregação, porém uma igreja.<sup>23</sup>

Entende-se a grande importância que se deu à atuação dos missionários batistas no Brasil e, em especial, o das missionárias que seguiam firmes no trabalho de alfabetização e o ensino da música e, mesmo diante das dificuldades da época, as missionárias eram incansáveis na busca de pessoas para Cristo. Anne Bagby se destacava entre elas e “se o Colégio Batista foi o colégio de Ana, a Igreja Batista da Lapa era também a igreja de Ana, pois por sua iniciativa o trabalho foi organizado”<sup>24</sup>.

A importância do trabalho missionário de uma mulher tão influente como Anne, que perpassa uma sociedade sexista e misógina, deixa seu legado como influência para as mulheres batistas brasileiras vocacionadas na contemporaneidade. Os batistas brasileiros têm na sua história de expansão, uma mulher que abdicou de si mesma, percebido no fato de que “naquele difícil período de suas vidas, os Bagby mudaram de residência por quinze vezes para escapar dos males da falta de saneamento”<sup>25</sup>. Mulheres com histórias relevantes que influenciaram gerações de outras mulheres com o chamado vocacional para o ministério pastoral.

Muitos contam suas possessões em dólares e centavos, outros, em casas e terras, mas os tesouros de Anne Luther Bagby contados consistiram de sua própria família consagrada, das 800 igrejas e 70 mil membros no Brasil, os colégios e outras

---

<sup>20</sup> ALMEIDA, 2022, p. 112.

<sup>21</sup> ALMEIDA, 2022, p. 117.

<sup>22</sup> ALMEIDA, 2022, p. 118.

<sup>23</sup> ALMEIDA, 2022, p. 118.

<sup>24</sup> ALMEIDA, 2022, p. 119.

<sup>25</sup> ALMEIDA, 2022, p. 114.

instituições para a propagação do trabalho de Deus, que ela viu crescer nestes sessenta e dois anos de trabalho na vinha do Mestre<sup>26</sup>.

A determinação das mulheres estadunidenses batistas não parou desde então. Embora elas fossem segregadas dos homens, revolucionaram esse comportamento cultural e machista que acontecia na igreja onde seus esposos eram pastores. As mulheres deveriam esperar os homens se sentarem no templo, para, somente depois, buscarem um assento – se sobrasse lugar. Algumas, como Alice, posicionaram-se contrárias a esse comportamento dos homens brasileiros. “Alice era inconformista desse modelo e desse pensamento”<sup>27</sup>. Sua postura crítica e firme, fundamentada do ponto de vista cristão, colocou a sociedade capixaba e seu comportamento sexista sob escrutínio, denunciando o tratamento dispensado às mulheres, começando com os templos. E o impacto foi transformador:

O resultado foi que, no último dia da convenção, houve um movimento para colocar tudo o que a Sra. Reno tinha dito impresso num artigo, e espalhar por todo o estado. E, daquele em diante, cada pastor e membros passaram a fazer o melhor que podiam para o trabalho de nossas mulheres.<sup>28</sup>

O projeto *União Feminina Batista* foi desenvolvido pensando no bem-estar das mulheres de todas as faixas etárias, e teve sua formalização no ano de 1914, pela Convenção Batista do Espírito Santo. Entretanto, as atividades antecedem esta data. Após a formalização da CBB, em 1907, as mulheres organizaram a União Missionária das Senhoras Batistas do Brasil, sendo reconhecido o trabalho efetivo formalmente da Sra. Emma Morton Ginsburg, em meados de 1908, em Niterói. “A mulher cristã batista é envolvida com a sociedade, princípio que vem desde a formação da União Feminina [...]”<sup>29</sup>. Mulheres unidas para servir às comunidades no início do século XX e através do serviço voluntário, conseguiram evangelizar e expressar o cristianismo transformador para as pessoas. Mulheres que desafiaram sua própria condição de submissão para o serviço da valorização da vida humana.

No Espírito Santo [...] muitas mulheres dedicaram anos de seus serviços, como Dolores Gonçalves, Hilda Bean Cowsert, Wasty Wandermurem Nogueira, Luiza Walnete Santos Cintra, Silvia Pinheiro D’Avila, dentre várias outras, além das duas do tempo dos pioneiros: Alice Reno e Edith West.<sup>30</sup>

---

<sup>26</sup> ALMEIDA, 2022, p. 120.

<sup>27</sup> GONÇALVES, 2012, p. 118.

<sup>28</sup> GONÇALVES, 2012, p. 118.

<sup>29</sup> GONÇALVES, 2012, p. 126.

<sup>30</sup> GONÇALVES, 2012, p. 126.

Mulheres batistas fizeram e continuam fazendo história através dos projetos missionários e de expansão do movimento batista no Brasil. Mulheres que acompanharam seus maridos pastores aos campos missionários e se sentiram também chamadas por Deus para o exercício do ministério pastoral, sem contar com o reconhecimento da estrutura denominacional – situação que perdura, embora alguns avanços tenham sido conquistados.

## 2 A REALIDADE DAS MULHERES VOCACIONADAS AO MINISTÉRIO PASTORAL NAS IGREJAS DA CBB

A segunda seção busca analisar a realidade das mulheres vocacionadas ao ministério pastoral nas igrejas filiadas à CBB no enfrentamento ao preconceito e às demais dificuldades vivenciadas por essas mulheres. Decidiram enfrentar o patriarcalismo na sociedade e na estrutura denominacional. A seção encontra-se dividida em duas partes: primeiro, verifica-se a influência do patriarcado na OPBB; depois, estuda-se a imposição de mãos sobre as pastoras como algo invisível em algumas seções dessa instituição.

### 2.1 A influência do patriarcado na OPBB

A situação do ministério pastoral feminino nas igrejas filiadas à CBB ainda causa estranheza e discussões acaloradas em algumas seções estaduais da OPBB. Em “1999 foi aprovado, em Serra Grande, um parecer da CBB que quem ordena pastoras (ou pastores) é a igreja local”<sup>31</sup>. Observa-se nessa decisão que a própria CBB reconheceu a autonomia das comunidades locais na decisão de ordenar ou não mulheres ao ministério pastoral. Mesmo a CBB dando legalidade às igrejas locais na escolha de pastores ou pastoras, o tema pastorado feminino ainda é desconfortável para as mulheres batistas que se sentem vocacionadas. São ordenadas pelas igrejas, mas não são recebidas na OPBB. Segundo Zaqueu Oliveira, as mulheres de igrejas vinculadas à CBB vêm exercendo o ministério pastoral sem que sejam oficialmente aceitas como tais.<sup>32</sup>

Em pleno século XXI, tempo de muitos avanços nas pautas de gênero e de direitos das mulheres, ainda há líderes de igrejas da CBB e da OPBB que têm o pensamento de que os ministérios ordenados são funções exclusivas para homens, indicando algum tipo de sacralidade ao ministério pastoral masculino. A Pra. Zenilda registra afirma:

---

<sup>31</sup> CINTRA, Zenilda Reggiani. É preciso resolver a filiação das pastoras! [blogspot]. 26 mai. 2022. [online].

<sup>32</sup> OLIVEIRA, Zaqueu M. *Imposição de mãos: mulheres pastoras?* Recife: STBNB, 2001. p. 37.

Por isso que reafirmo que é uma questão de gênero, de preconceito cultural. À medida que essas barreiras forem sendo vencidas na sociedade, também as venceremos na igreja. Se os pastores, especialmente, fossem mais ensináveis, se refletíssemos mais a respeito das tradições, se tivéssemos um estudo teológico mais sadio e se fossemos mais sensíveis à ação do Espírito Santo, as pastoras não teriam as resistências que têm.<sup>33</sup>

Embora a CBB não seja contra o pastorado feminino, dando “sinal verde para que as igrejas exerçam sua autonomia ao promover concílios e imposição de mãos conduzindo mulheres ao Ministério Pastoral Batista”<sup>34</sup>, por outro lado, a CBB não fez um trabalho de conscientização nacional para que todas as seções sejam favoráveis à filiação dessas pastoras nas seções da OPBB. Em 26 de maio de 2022, a pastora Zenilda Reggiani Cintra ressaltou a necessidade de resolver a filiação das pastoras na OPBB nacional. Ela argumentou: “a liderança nacional da CBB e o Conselho da CBB também se acomodam. Parece que invisibilizar as pastoras é a solução”<sup>35</sup>.

Em setembro de 2017, Cintra publicou um mapeamento de pastoras batistas no Brasil, que apontavam um grande avanço com mais de 300 pastoras no país, e relatou as dificuldades para fazer o mapeamento. As pastoras têm sido invisibilizadas nas contagens das estatísticas oficiais das Convenções: “caminhamos com esperança, sempre firmadas no amor de Deus, o nosso Pai Amado, para quem dissemos: Sim!”<sup>36</sup>.

De acordo com o mapeamento datado acima, a contagem era de 302 pastoras, aceitas pelas comunidades de fé filiadas à CBB. Entretanto, a maioria se concentra na região sudeste, sendo que em “cinco estados brasileiros as Igrejas Batistas ainda não contam com mulheres em seus ministérios: Alagoas, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Roraima”<sup>37</sup>.

Com a sacralização do ministério pastoral e a influência do patriarcalismo restringindo as mulheres batistas vocacionadas, a aceitação e ingresso na OPBB segue um desafio. Na modernidade, a mulher foi tomando espaço em diversos postos, atuando em cargos públicos de destaque e nas grandes corporações. A tradicional posição da mulher como esposa dedicada ao lar e submissa ao marido, cedeu espaço para as mulheres que tentam conquistar o seu espaço na esfera pública e no meio eclesial.

A influência do patriarcalismo é forte sobre os batistas brasileiros, tanto que o evento da primeira pastora ordenada no Brasil só ocorreu em 10 de julho de 1999. Silvia Nogueira

---

<sup>33</sup> CINTRA, 2022, [n.p.].

<sup>34</sup> STEPHANINI, 2018, p. 117

<sup>35</sup> CINTRA, 2022, [n.p.].

<sup>36</sup> CINTRA, 2022, [n.p.].

<sup>37</sup> STEPHANINI, 2018, p. 118.

foi ordenada para o ministério pastoral e recebida como pastora titular da Primeira Igreja Batista em Campo Limpo, em São Paulo. O concílio foi presidido pelo pastor Antônio Carlos de Melo Magalhães: “contudo, a imposição de mãos sobre uma pessoa do sexo feminino, com vistas ao pastorado, no final do século XX, provocou grande celeuma no campo paulista, com repercussão em todo o país”<sup>38</sup>. Essa conquista gerou mais debate e despertou expectativas de mudanças com relação ao ministério pastoral feminino. Observe-se que “o primeiro pastor batista ordenado no Brasil foi Antônio Teixeira de Albuquerque, em 20 de julho de 1880”<sup>39</sup>, tendo se passado 119 anos entre a ordenação masculina e a feminina, o que é uma história infeliz para os batistas brasileiros.

A luta da mulher em busca de respostas contra o patriarcalismo tem se destacado a partir do início do século XX. Ivone Gebara relata que “a procura das razões da nossa opressão, imaginamos que, desde milênios, vivemos na sociedade hierárquica que denominamos patriarcal, porque a figura do *pater* (de pai/homem) era considerado princípio de organização da vida social e familiar”<sup>40</sup>. Sendo assim, mulheres, e, principalmente, as vocacionadas para o ministério pastoral, esbarram na “natureza fixa, de destino no qual não podíamos fugir [...]. Foi assim que falamos do sistema patriarcal como sistema de organização hierárquica no qual nós tínhamos um lugar preestabelecido”<sup>41</sup>. A mulher batista e vocacionada tem experimentado essa tradição proto-cristã, sustentada por leituras androcêntricas das Escrituras Sagradas.

Nas igrejas batistas filiadas à CBB no Brasil, existem mulheres que exercem liderança relevante, como: diaconisas, promotoras de missões, dirigentes de trabalhos pioneiros, vice-presidentes de igrejas, pregadoras, professoras e reitoras de seminários teológicos, entre outros. Contudo, “recusa-se permitir a imposição de mãos sobre mulheres para o ministério pastoral”<sup>42</sup>.

O patriarcalismo tem sido um dos grandes tribunais em que a mulher batista é julgada, dificultando o processo para a mulher se tornar pastora e se filiar à OPBB. Oliveira afirma: “mulheres pastoras? Quem vocaciona é Deus. A escolha recai sobre cada igreja, sob a orientação do Senhor. ‘Pois todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus’ (Gl. 3.26)”<sup>43</sup>.

---

<sup>38</sup> OLIVEIRA, 2001, p. 36

<sup>39</sup> OLIVEIRA, 2001, p. 36.

<sup>40</sup> GEBARA, Ivone. *Filosofia feminista: uma brevíssima introdução*. São Paulo: Terceira Via, 2017. p. 63

<sup>41</sup> GEBARA, 2017, p. 63.

<sup>42</sup> OLIVEIRA, 2001, p. 55.

<sup>43</sup> OLIVEIRA, 2001, p. 54.

## 2.2 A imposição de mãos sobre as pastoras é invisível em algumas seções da OPBB

Como dito, algumas seções estaduais da OPBB ainda continuam com o posicionamento de não filiar pastoras ao órgão. Zenilda Cintra denuncia que já estamos em 2022 e é “lamentável que a OPBB não se sinta responsável por mudar esse quadro, compactuando com a injustiça”<sup>44</sup> do patriarcalismo, sobre o qual está estruturada.

Nesse sentido, a mulher batista exerce o pastoreio sem o devido reconhecimento. Em janeiro de 2014, em João Pessoa-PB, ratificou-se em assembleia, que ficaria na responsabilidade das seções estaduais a filiação das mulheres que receberam imposição de mãos de suas igrejas locais. Dessa forma, muitas mulheres vocacionadas continuam invisíveis para a OPBB em alguns estados, pelo fato de algumas seções não filiarem pastoras.

De trinta e três seções da OPBB, apenas nove filiam pastoras. As seções de Minas Gerais e do Espírito Santo estão entre a maioria das seções que não recebem pastoras, embora esses estados tenham diversas pastoras atuando nas igrejas locais filiadas à CBB.

A Pra. Zenilda Cintra entrevistou a pastora auxiliar da Igreja Batista Central em Três Pontas, em Minas Gerais, Gleice Dorneles S. Santos, ordenada ao ministério pastoral 05 de agosto de 2006, filiada à seção estadual da OPBB Fluminense, no Rio de Janeiro. Ela exerce grande parte do seu ministério no Rio, e, atualmente, reside em Minas Gerais. Em novo mapeamento sobre a presença de pastoras batistas no Brasil, Cintra contabilizou 382 pastoras em igrejas batistas no Brasil, sendo que deste total, 16 estão no Espírito Santo e 25 no estado de Minas Gerais:

Os líderes dizem: olha, são somente nove seções que filiam e então não podemos fazer nada, usando isso como justificativa para não encontrarem uma solução para a filiação de todas as pastoras que assim desejarem. Deveriam dizer: temos ainda 24 outras seções que precisam respeitar as decisões das igrejas, concordando com elas ou não. Vamos trabalhar com essas seções, com seus líderes, e resolver a filiação das pastoras. Tendo essa omissão da OPBB nacional, as seções descansam na injustiça dizendo que já decidiram no passado. Não se sentem responsáveis para mudar essa decisão injusta.<sup>45</sup>

Segundo Cintra, a liderança e o conselho nacional da CBB continuam descansados na injustiça para a solução do problema das pastoras que ainda não são reconhecidas em 24 seções estaduais da OPBB – seções que optaram por rejeitar as pastoras e descansam na

---

<sup>44</sup> CINTRA, 2022, [n.p.].

<sup>45</sup> CINTRA, 2022, [n.p.].

invisibilidade do ministério pastoral feminino. Entretanto, “a imposição de mãos sobre as mulheres [...] é uma realidade irreversível, com tendência de crescer cada vez mais”<sup>46</sup>.

As seções estaduais da OPBB que não filiam pastoras ignoram e desrespeitam a decisão das igrejas locais, tornando essas mulheres e seus ministérios invisíveis. Entende-se que em pleno século XXI, não se pode negar que o ministério pastoral feminino seja uma realidade existente:

43 representantes, homens e mulheres, de 39 igrejas batistas de diversos estados brasileiros participaram da assembleia de formação da Convenção Batista Brasileira em 22 de junho de 1907, no prédio onde congregava a Primeira Igreja Batista da Bahia, na cidade de Salvador. A CBB inicia o século XX com aquilo que irá variar de valor e prioridade ao longo do tempo: as pessoas, mulheres e homens, e igrejas batistas locais. O modo de ser batista é importante dizer, inspirado nos documentos denominacionais, repousa sobre o ombro das pessoas que integram comunidades de fé autônomas e soberanas. O que acontece na experiência batista local compõe o grande mosaico da realidade da denominação. Logo, a instituição e os braços operacionais, suas organizações missionárias, criados nos idos de 1907 precisariam ir se adequando às realidades das igrejas batistas locais. Nesta perspectiva, a atual realidade da denominação não é a mesma de 50 anos atrás e muito menos a realidade denominacional do início do século XX [...]. Portanto, quando falamos ainda hoje de realidade denominacional devemos olhar para aquilo que está acontecendo na experiência comunitária das igrejas batistas filiadas. Então, cabe uma pergunta: Qual é o número de pastoras batistas em igrejas batistas filiadas à Convenção Batista Brasileira, nestes seus 114 anos de existência? A resposta a esta questão não é fácil, mas fundamental para conhecermos a realidade da denominação batista nestas últimas décadas.<sup>47</sup>

Até quando as seções da OPBB dos 24 estados que não filiam pastoras descansarão na injustiça do pastorado feminino? O ministério pastoral não é exclusividade dos homens. Há respaldo bíblico para que as mulheres vocacionadas ao ministério pastoral batista exerçam seu ministério e sejam reconhecidas pelas lideranças denominacionais, tornando-se visíveis.

### 3 POSSÍVEIS CAMINHOS PARA AS PASTORAS BATISTAS DAS IGREJAS FILIADAS À CBB

A terceira e última seção do presente artigo analisará quais os possíveis caminhos para as pastoras batistas que são de igrejas filiadas à CBB, mas ainda não foram reconhecidas por suas respectivas seções estaduais da OPBB. Esta seção está dividida em duas partes: primeiramente, estuda-se a alternativa do aprofundamento teológico e resgate da teologia do sacerdócio universal dos crentes e a inclusão das pastoras em todas as seções da OPBB; a segunda, seria a criação de uma Ordem das Pastoras Batistas do Brasil.

---

<sup>46</sup> STEPHANINI, 2018, p. 119.

<sup>47</sup> NOGUEIRA, 2021, [n.p.].

### 3.1 Aprofundamento teológico e o resgate da teologia do sacerdócio universal dos crentes

A redescoberta do sacerdócio universal dos crentes foi um dos primeiros “toques da trombeta” da Reforma Protestante<sup>48</sup>, quando “Lutero, Calvino e demais reformadores do século XVI reagiram contra o autoritarismo e o sacerdotalismo da Idade Média”<sup>49</sup>. A referida doutrina apresenta o que está no Novo Testamento. O apóstolo Paulo, em Gálatas 3:28, afirmou que “todos são um em Cristo Jesus”, indicando que não há distinção entre negros e brancos, pobres e ricos, homem e mulher.<sup>50</sup> “Todavia o ensino sobre unidade cristã afirma que Cristo é um em todos (Gl 3:11)”. Os reformadores estavam em busca dessa verdade de que “o sacerdócio universal de todos os crentes é legítimo e tem respaldo nas Escrituras Sagradas, tendo em vista que todos são um em Cristo”<sup>51</sup>. Por que, então, causa estranheza a possibilidade de uma mulher ser vocacionada para o ministério pastoral?

A procrastinação da assembleia anual da OPBB de 2014 empurrou para as seções estaduais a tomada de decisão sobre a filiação de pastoras. Com isso, entende-se que essa questão acaba sendo favorável para as seções que são contra a filiação de pastoras. As seções da OPBB estaduais que não filiam pastoras preferem continuar fazendo uma “releitura de uma tradição antiga e patriarcal de que o modelo único que representa o coletivo é o sexo masculino”<sup>52</sup>. Nota-se que essa decisão parte exclusivamente de um pensamento machista contra o ministério das pastoras batistas e por essa razão não filiam pastoras. Somente uma nova recuperação e um aprofundamento da doutrina do sacerdócio universal dos crentes, “doutrina que, mais do que qualquer outra na teologia evangélica, tem capturado o interesse dos crentes”<sup>53</sup>, deveria ser alvo de estudo criterioso dos batistas brasileiros.

A OPBB é um órgão auxiliar da CBB, portanto, as decisões deveriam ser alinhadas, cumprindo a hierarquização do órgão máximo. Entretanto, não é o que acontece em relação à ordenação de mulheres para o ministério pastoral e sua consequente filiação na OPBB. Nesse sentido, Cintra destaca as contradições do estatuto da CBB.

O artigo 12 registra que a Assembleia Geral da OPBB é o seu poder supremo. O artigo 33 registra que a OPBB é organização auxiliar da CBB e respeitará a letra e o espírito do estatuto da CBB e as diretrizes gerais etc. Sendo assim, é necessário definir qual é o poder maior na OPBB: a assembleia da OPBB ou a CBB. Se a CBB reiterou que são as igrejas que decidem se consagram ou não pastores e pastoras,

<sup>48</sup> KANTONEN, Taito. A. *A teologia da mordomia cristã*. São Paulo: Luterana. 1965. p. 137.

<sup>49</sup> LANDERS, John. *A teologia dos princípios batistas*. Rio de Janeiro: JUERP. 1994. p. 91.

<sup>50</sup> OLIVEIRA, 2001, p. 29.

<sup>51</sup> OLIVEIRA, 2001, p. 53

<sup>52</sup> STEGEMANN: STEGEMANN, 2004. p. 422

<sup>53</sup> KANTONEN, 1965, p. 137.

todas as pastoras deveriam ter a prerrogativa de se filiarem, caso desejassem. Mas não é assim. Esse posicionamento ambíguo da OPBB gera outro problema: no imaginário geral dos pastores, a Ordem é um "clube" do qual só podem participar filiados e não um órgão auxiliar, como a UFMBB, Associação dos Músicos e etc, aos quais as pessoas se integram voluntariamente desde que exerçam funções compatíveis com essas organizações. Por se verem como um "clube" do qual participam os "sócios" as pastoras são proibidas na maioria das seções e subseções de participarem de reuniões, congressos, retiros e outros eventos que também cooperariam para o ministério que desempenham. Se alguma pastora "ousa" se fazer presente, é ignorada solenemente. E isso ajuda a construir a invisibilidade das pastoras. "Elas não existem. Não precisamos nos preocupar com elas".<sup>54</sup>

Para as seções da OPBB que não filiam pastoras, é preferível ignorar a cooperar com o ministério que é desempenhado por elas: "as pastoras são proibidas, na maioria das seções e subseções, de participarem de reuniões, congressos, retiros e outros eventos"<sup>55</sup>. É lamentável que as mulheres vocacionadas ao pastoreio sejam tratadas dessa maneira pelos pastores batistas brasileiros. Talvez fosse o caso das pastoras terem o próprio órgão para que elas sejam auxiliadas como os pastores batistas são, pela OPBB. Esse seria outro caminho a ser seguido, como se verá na próxima divisão da seção.

### 3.2 Criação da Ordem das Pastoras Batistas do Brasil

Mesmo diante do crescimento expressivo de vocacionadas para o ministério pastoral batista, a luta contra o preconceito em relação às pastoras segue como desafio. A pesquisa feita pela Pra. Silvia Nogueira, publicada em junho de 2021, aponta que de 115 pastoras entrevistadas por ela via WhatsApp, 26,1% são pastoras titulares, 26,1% auxiliar remunerada, 38,3% auxiliar não remunerada e 9,6% auxiliar sem compor a equipe pastoral.<sup>56</sup> As pastoras se sentiriam acolhidas se houvesse uma ordem paralela para que elas pudessem ser auxiliadas com reuniões e congressos, como acontece com os pastores filiados à OPBB.

Em conversa com a Pra. Gleisce Dorneles, que foi ordenada há 16 anos e é filiada à OPBB do Rio de Janeiro, ela declarou que, embora seja uma alternativa positiva a criação de uma ordem paralela para as pastoras, elas continuam confiantes que a OPBB reconsidere essa questão e aceite a filiação dos vocacionados batistas, sejam esses homens ou mulheres, em todas as suas subseções.

Entretanto, pensando nas dificuldades das pastoras de estados onde as seções estaduais não permitem a filiação, a criação de uma Ordem das Pastoras Batistas do Brasil seria um caminho interessante a ser seguido. Falando sobre o tema, o Pr. batista Valdir Stephanini

---

<sup>54</sup> CINTRA, 2022, [n.p.].

<sup>55</sup> CINTRA, 2022, [n.p.].

<sup>56</sup> NOGUEIRA, 2021, [n.p.].

afirmou: “algumas seções decidiram favoravelmente, outras não. Além da confusão que isso tem causado entre os batistas brasileiros, certamente dará margem ao surgimento uma ordem paralela, ou seja, a Ordem das Pastorais Batistas do Brasil”<sup>57</sup>. Com isso, entende-se que essas mulheres, mães, esposas, trabalhadoras e vocacionadas ao ministério pastoral pelo Espírito Santo, teriam o apoio que necessitam para o cumprimento da vocação que Deus lhes concedeu.

## CONCLUSÃO

Diante do exposto, quais as razões que impedem as mulheres ordenadas pelas igrejas batistas filiadas à CBB de serem afiliadas à OPBB, na maioria de suas seções? Se a *práxis* era convidativa e todos/as tinham um relacionamento contínuo no seguimento de Jesus, não há motivos para que as mulheres sejam rejeitadas por algumas subseções do órgão. No entanto, as mulheres que foram ordenadas ao ministério pastoral por suas igrejas locais são rejeitadas por algumas subseções da OPBB. Esta ação estaria motivada pelo preconceito e discriminação em relação ao gênero feminino, sendo o sexo feminino considerado inferior ao masculino? Seria isso um descaso da doutrina bíblica do sacerdócio universal dos crentes? Seria fruto de uma sociedade tradicional e conservadora, em que a mulher traz desconforto aos homens quando se trata de liderar no meio eclesial batista? São perguntas que permanecem e exigem resposta, não das mulheres pastorais, mas dos homens em posição de liderança que relutam em aceitá-las, contrariando a doutrina protestante e a fundamentação bíblica mais ampla e crítica.

Entende-se que as mulheres batistas tiveram sua voz silenciada ao longo da história, embora tenham sido mulheres relevantes na obra missionária dos batistas no Brasil. O ensinamento das igrejas batistas brasileiras entra em contradição em suas pregações de igualdade e justiça, quando o assunto é a mulher assumir a liderança pastoral. Essa justiça não é aplicada. Seria somente teoria?

Enquanto não há uma solução definitiva para o problema, as pastorais têm feito encontros anuais com o tema #EUDISSESIM, com a intenção do cuidado mútuo entre elas, para o crescimento do ministério pastoral feminino e o encorajamento para aquelas que têm a vocação. Algumas ainda recuam por medo da não aceitação, seja dos familiares, das igrejas locais, da OPBB ou da sociedade que ainda é patriarcal. Que todas as pastorais batistas de

---

<sup>57</sup> STEPHANNINI, 2018, p. 119.

igrejas filiadas à CBB possam, um dia, comemorar a grande vitória sobre o patriarcalismo, o preconceito e a discriminação, alcançando reconhecimento e apoio das seções da OPBB.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rute Salviano. *Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: a religiosidade, o papel feminino*. Viçosa: Ultimato, 2022.

BÍBLIA Sagrada, *Nova Tradução Linguagem de Hoje*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

CINTRA, Zenilda Reggiani. É preciso resolver a filiação das pastoras! [*blogspot*]. 26 mai. 2022. Disponível em: <http://pastorazenilda.blogspot.com/>. Acesso em: 10 set. 2022.

GEBARA, Ivone. *Filosofia feminista: uma breve introdução*. São Paulo: Terceira Via, 2017.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 2012.

GONÇALVES, Cassius. *História dos batistas no Espírito Santo*. Vitória: Batistas, 2012.

KANTONEN, Taito. *A teologia da mordomia cristã*. São Paulo: Luterana, 1965.

LANDERS, John. *A teologia dos princípios batistas*. Rio de Janeiro: JUERP. 1994.

NOGUEIRA, Silvia. *Notas sobre a presença das pastoras e vocacionadas nas igrejas Batistas da CBB*. In: CALAMÉO [*site institucional*]. Rio de Janeiro, jun. 2021. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/005085934c0a2ea268597>. Acesso em: 02 out. 2022.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Imposição de mãos: mulheres pastoras?* Recife: STBNB, 2001.

STEPHANNINI, Valdir. Mulheres no ministério pastoral batista. *Revista Reflexus*, Vitória, a. XII, n. 19, p. 117-119, 2018.

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios no Judaísmo e as Comunidades de Cristo no mundo Mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.